

Ao tanque hoje morreu
uma menina de água.
Está fora do tanque,
no chão amortalhada.

Desde a cabeça às coxas
um peixe a cruza e chama-a.
O vento diz «menina»
mas não pode acordá-la.

O tanque mantém soltos
os seus cabelos de algas,
e ao ar seus seios pardos
todos trémulos de rãs.

Deus te salve. Rezaremos
a Nossa Senhora de Água
pla menina do tanque
morta sob as maçãs.

Depois ponho a seu lado
duas frágeis cabaças
para que fique a flutuar,
ai!, sobre o mar salgado.

BÚZIO

A Natalita Jiménez

Trouxeram-me um búzio.

Dentro dele canta
um mar de mapa.
Meu coração
enche-se de água
com peixinhos
de sombra e prata.

Trouxeram-me um búzio.

CANÇÃO TONTA

Mamã.
Eu quero ser de prata.

Filho,
terás muito frio.

Mamã.
Eu quero ser de água.

Filho,
terás muito frio.

Mamã.
Borda-me em tua almofada.

Está bem!
Agora mesmo!

O meu amor foi ao mar,
contar ondas e pedrinhas,
mas, de súbito, encontrou-se
com o rio de Sevilha.

Entre aloendros e sinos
cinco barcos se mexiam,
os remos dentro da água
e as velas entre a brisa.

Quem olha dentro da torre
ajaezada, de Sevilha?
Cinco vozes respondiam
redondas como sortilhas.

O céu elegante monta,
de uma margem à outra, o rio.
No espaço enrubescido
uns cinco anéis se mexiam.

CANÇÃO DE GINETE

Córdova.
Longínqua e só.

Garrana preta, lua enorme,
e azeitonas em meu alforge.
Embora saiba os caminhos,
nunca chegarei a Córdova.

Pelo plaino, pelo vento,
garrana preta, lua rósea.
A morte está a fitar-me,
além, das torres de Córdova.

Ai que caminho tão longo!
Ai garrana corajosa!
Ai que minha morte espera-me,
antes de eu chegar a Córdova!

Córdova.
Longínqua e só.